

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semest.	Trim.	N.º	15.º Anno — XV Volume — N.º 489	Redacção — Atelier de Gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	à entrega		
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	6950	\$120	21 DE JULHO DE 1892	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

Um tempo magnifico, dias temperados, noites frescas, um tempo delicioso, que mais uma vez corrobora aquillo que ha muito pensamos, e é que não ha terra melhor para passar o verão do que Lisboa.

Entretanto, apesar do julho agradabilissimo que aqui vaie correndo, começou já, e todos os dias continua em grande escala, a emigração para o campo, para as aguas, para o fóra da terra, que é a monomania, de longo tempo inveterada em todos os bons lisboetas.

Em chegando o mez de junho, o alfacinha principia a sentir a necessidade de se ir embora, de se tirar da sua casa confortavel da cidade para se metter em qualquer cubiculo anti-hygienico e pesado a ouro, que aluga ahí pelos arredores, em estradas poe rentas, onde de dia se não pode pôr o pé por causa do sol, onde de tarde se não pode passear por causa do pó, cubiculos onde aos domingos e dias santos se amontoam, como sardinhas em latas, as numerosas pessoas de relações que lá vão passar o dia, com grave prejuizo da bolsa dos donos da casa, com enormes amargos de bocca das donas da casa que não tem á mão os recursos que ha nas cidades, para improvisar, d'um momento para o outro, um jantar para uma ranchada de convivas, que de repente, inesperadamente, caem em casa.

E essa gente continua a ir todos os annos para fóra da terra, continua a incomodar-se muito, a maçar-se, a gastar rios de dinheiro, a sahir dos seus habitos e das suas commodidades, durante dois a tres mezes, e continua com muito boa cara, muito contente, muito alegre, porque está fóra da terra, porque é moda ir para o campo porque é do bom tom sahir da capital na estação calmosa, porque está no movimento.

Costuma dizer-se que quem corre por gosto não cança, e por isso,

esses escravos da moda, não cançam nunca e lá continuam todos os annos com os tarecos ás costas para os arredores de Lisboa, sem se importarem saber se vão ser mais incommodados e apanhar muito mais calor do que apanhavam aqui, nas suas casas, muito bem socegados, sem fadigas e sem despezas de mudança, muito á sua vontade.

Na emigração constante do verão a grande percentagem é a d'estes, que vão por moda, para fazerem aquillo a que se chama agora estar em villegiatura, para verem os seus nomes em letra redonda nos jornaes, que é a grande ambição, a grande enfermidade do nosso tempo.

Depois temos os doentes que fazem todos os annos a via sacra das thermas e das caldas, que vão tomar aguas, banhos, fazer isso que se chama

uma cura, cura que fazem todos os annos sem nunca chegarem a estar bons.

Em summa esses tem alguma desculpa. Vão á procura da saude, e muitas vezes não a acham, mas a saude é d'essas coisas que quanto menos se acha mais se procura, o que não quer dizer que não seja tambem verdadeiro o contrario — que quanto mais se procura menos se acha.

Na tribu dos emigrantes de verão ha um grupo que nós comprehendemos melhor e de quem teriamos ás vezes certa inveja, se este peccado mortal estivesse nos nossos habitos, que felizmente não está — é o grupo dos excursionistas, que aproveitam estes mezes de verão para irem por ahí fóra ver esse formoso Portugal, cujas bellezas, cujos pittorescos panoramas, e cujo magnifico ar, compensa sobejamente dos incommodos, do calor e da massada da viagem.

Este anno o ponto de mira d'esses excursionistas é Coimbra, onde as festas da Rainha Santa, que se começam no dia 24 do corrente mez promettem ter um brilho excepcional, mercê da presença de suas magestades El-Rei D. Carlos e da rainha D. Amelia, que vão assistir a estas festas e visitar pela primeira vez a historica cidade e os formosos campos do Mondego.

A visita dos augustos soberanos a Coimbra está chamando ali um numero fabuloso de forasteiros, e noticias particulares que d'aquella cidade temos dizemnos ser já difficil, senão impossivel, encontrar-se alojamento. quer em hotel quer em casa particular, para os dias d'essas festas extraordinarias, da Rainha Santa.

A recepção que em Coimbra se prepara a Suas Magestades é extraordinaria, e na Figueira tambem reina grande alvoroço e entusiasmo, porque consta que os regios viajantes estenderão até ali a sua visita.

De regresso da viagem a Coimbra, El Rei e a Rainha, a sr.ª D. Amelia, irão para as Caldas da Rainha passar o mez de agosto, e nos meados de setembro seguirão para Cascaes a passar a epoca dos banhos do mar.

Estão portanto desde já marcadas as villegiaturas da moda este anno e não faltarão n'ellas festas nem animação.

Uma nota sympathica no meio d'essas festas regias.



DR. ANTONIO MARIA BARBOZA — FALLECIDO EM 8 DO CORRENTE

(Segundo uma photographia de Fillon)

Brazil e entabou negociações para Taveira e a sua companhia ir dar uma serie de espectáculos no Rio de Janeiro em junho do corrente anno.

Thereza Aço quer ir em companhia do seu marido, mas como o seu estado lhe não permittia a viagem, resolve abreviar a operação, e fazel-a mesmo em Lisboa.

— O estado em que estou, dizia ella, não me deixa fazer os meus papeis e não quero ser uma inutilidade na companhia.

No dia 6 de maio entrou para o hospital Estephania, muito alegre, cheia de confiança no bom resultado da operação.

O operador escolhido foi o Dr. Ravara, um dos melhoes de Lisboa, mestre consumado n'essas operações, de que tem feito centenas, coroadas de bom exito.

No dia 9 de maio Thereza Aço é operada. A operação feita com a maior destresa correu perfeitamente, sem o mais pequeno incidente que pudesse fazer antever um mau desenlase.

Todos estavam contentes, o operador, a operada, o seu marido, os seus collegas que a estimavam, que a adoravam como a melhor das companheiras.

O estado de Thereza Aço depois da operação era o mais satisfatorio possível e tudo fazia prever o mais feliz resultado. Infelizmente d'ali a dois dias manifesta-se a peritonite, o grande perigo a temer n'estas operações melindrosas, e no dia 13 de maio a pobre e gloriosa actriz succumbia aos estragos d'essa peritonite, rapidamente, inesperadamente, sem que a morte lhe desse tempo de se despedir sequer do seu estremecido marido, que ao correr ao hospital louco de dôr apenas poude abraçar o cadaver da sua estremecida esposa.

A morte de Thereza Aço veio pôr um ponto



A ACTRIZ THEREZA AÇO — FALLECIDA EM 13 DE MAIO DE 1892

(Segundo photographia de E. Biel)

final nes recitas da companhia de Taveira em Lisboa.

No dia immediato o cadaver da desgraçada e grande artista foi transportado para o Porto acom-

panhado por todos os seus collegas, e no Porto os seus funeraes foram extraordinariamente concorridos; uma imponente e saudosa manifestação de quanto a illustre morta era querida e adorada pelo publico portuense, que durante muitos annos tinha podido apreciar as suas poderosas faculdades d'artista, as suas altas virtudes de mulher.

A morte de Thereza Aço foi uma grande perda para a arte, uma enorme falta para o theatro onde occupava logar distinctissimo, uma enorme falta para quatro sobrinhos seus, filhos d'uma sua irmã já fallecida, quatro creanças de quem era o amparo, a protectora, a segunda mãe, uma enorme falta para seu estremecido marido que a adorava, a quem a morte da esposa idolatrada e da companheira estremecida veio aniquilar para sempre a felicidade e a alegria.

Gervasio Lobato.



AS NOSSAS GRAVURAS

MARROCOS — ALHUCEMAS

Por varias vezes se tem occupado o OCCIDENTE do imperio de Marrocos, fallando da sua historia e descrevendo os seus costumes, por isso hoje publicando uma vista de Alhucemas, nos limitaremos a esta cidade d'aquelle paiz africano.

Alhucemas, apesar de estar no territorio denominado Marrocos, pertence todavia á Hespanha, assim como Ceuta, Peñón e Velez.

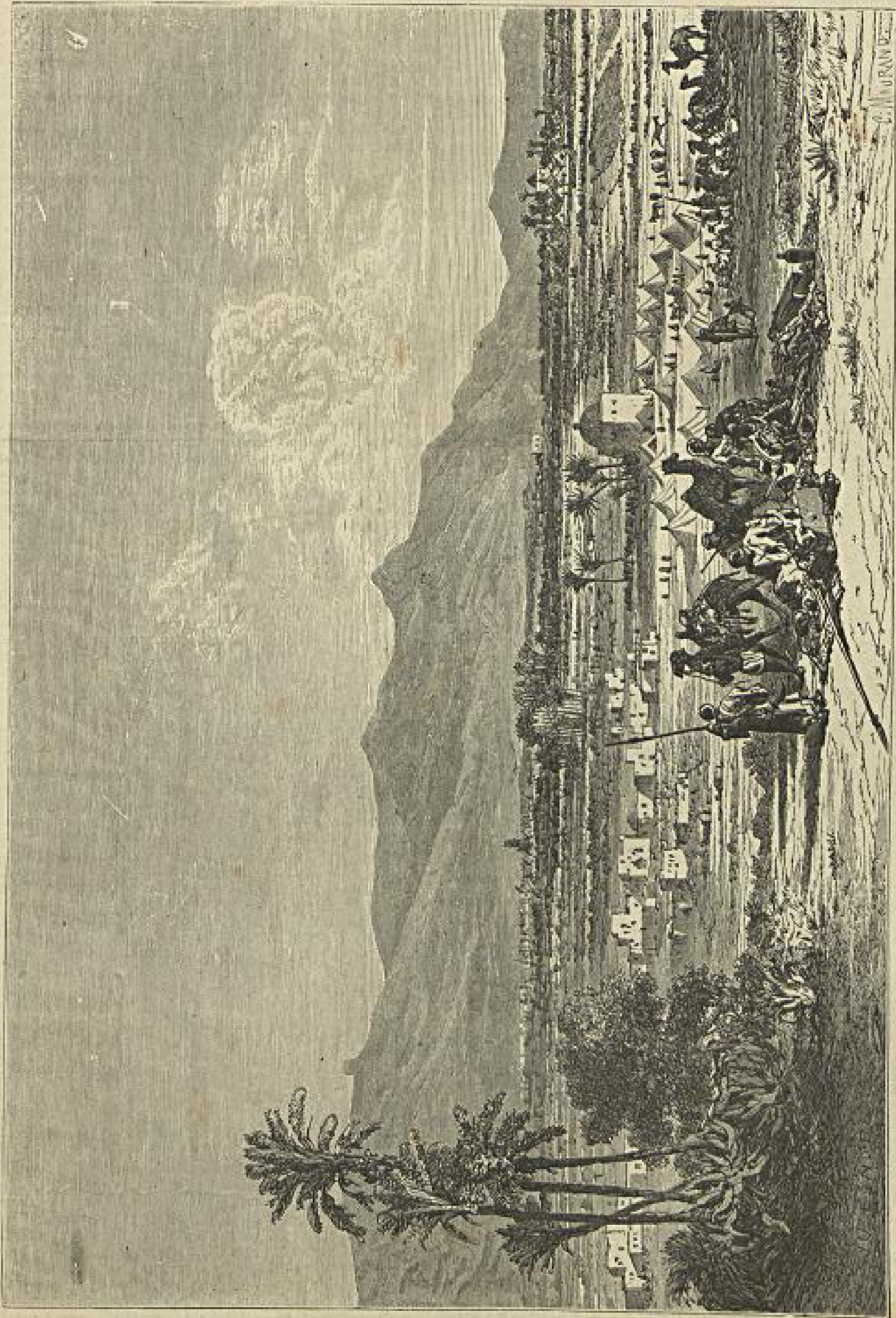
E' uma das praças que a Hespanha ali possui e para onde manda degredados. Dista 100 kilometros a S. O, do Cabo de TresForcas e a maioria dos seus habitantes são arabes, havendo um



PORTALEGRE — LARGO DO ROCIO, ONDE SE FAZ A FEIRA FRANCA

Vide art. «Oito dias no Alemtejo»

(Segundo uma photographia de Paino Peres)



MARROCOS — UMA VISTA DE ALHUCEMAS

Se auferisse mesmo mais lucros do que aquelles que calculara, tudo estaria muito bem e nenhuma indemnização se considerava obrigado a dar ao governo, mas como por contingencias que todos os negocios tem, não succedeu assim, entendeu que o governo o devia indemnizar da differença que prejudicava os seus lucros.

O governo, porém, entendeu exactamente o contrario do que entendeu o sr. Hersent, e, depois de ter ouvido o parecer de uma commissão que nomeou para estudar esta questão, parecer que foi contrario ás reclamações do sr. Hersent, deu por bom o contracto não admittindo as reclamações, e intimou o empreiteiro das obras do porto de Lisboa a proseguir nos trabalhos e a concluir os no prazo marcado.

Em vista d'esta decisão do governo, que não podia ser outra, o sr. Hersent declarou não poder continuar a empreitada, e suspendeu todos os trabalhos, o que levou o governo a, acto continuo, tomar conta de todo o material e mandar proseguir a obra por administração.

Esta resolução foi bem recebida pela opinião publica, que estava já vendo nas reclamações do sr. Hersent, pretexto para mais um d'esses actos de favoritismo que tem sido a norma dos governos d'este paiz, mas que felizmente não se deu d'esta vez, com grande espanto, provavelmente, da parte interessada e não menos admiração de todos.

E' mais um acto do governo que merece o apoio geral, e que tem sido o assumpto que n'estes ultimos dias mais tem interessado o publico. Outro facto está também despertando a curiosidade publica e é uma reunião que está annunciada para amanhã, de varios capitalistas, negociantes e industriaes, em casa do sr. conde da Folgosa, para se tratar da situação financeira e economica do paiz.

Diz-se que a essa reunião vae o sr. Dias Ferreira expor o estado das finanças e a sua opinião a respeito das mesmas, etc., etc.

Esta reunião, promovida pelo sr. presidente do conselho, tem evidentemente caracter politico, apesar de para ella não serem convidados politicos, sob a significação que entre nós tem esta palavra. Sim, não são propriamente os politicos, essa phyloxera da administração publica.

E' exactamente por isto que alguns jornaes, dos politicos, já estão querendo metter a ridiculo a tal reunião que, de resto, pôde muito bem ser o nucleo de um novo partido, um partido nacional, da nação que trabalha e que paga para os cofres publicos, a que resta o direito de superintender também na administração como a quem mais lhe doe.

Veremos o que sae d'esta reunião, se ella consegue despertar da indiferença geral os que mais nos casos estão de darem força ao governo, de o livrarem do phyloxera politico, para que elle possa governar em liberdade, sem os milhares de atriectos dos parti-

dos politicos gastos e desacreditados, onde os interesses particulares se impõem de preferencia aos interesses publicos, por um acanhado e errado ponto de vista que tem levado o paiz a este estado.

Que esses partidos ponham os olhos n'aquella pobre mulher das Terras de Bouro, que veio á repartição de fazenda do seu districto, offerecer livremente 505000 réis ao Estado por saber que elle estava pobrezinho.

Este facto, que tem sido noticiado com risos, im-

para o thesouro. N'este sentido, além d'outros argumentos, recopila o que o sr. Pedro de Carvalho disse em 1881 com respeito aos diferentes impostos, em que mostra bem claramente a irregularidade das contribuições, o que por mais de uma vez se tem ventilado no parlamento e na imprensa, sem se lhe dar remedio.

Ora como não se pôde admittir essa irregularidade, sem se confessar que ella faz parte da corrupção dos costumes, cá estamos cahidos na im-

moralidade que transuda de todos os lados, como causa principal da crise.

Encarem os diferentes publicistas, a actual crise, pelo lado que quiserem, que fatalmente hão de encontrar nas suas cogitações a immoralidade a sobrepujar tudo e conduzir o paiz ao estado em que se acha.

Pelo que se vê, de todos os lados, se vão levantando brados n'este sentido, e nós continuaremos a dizer: Oxalá esses brados encontrem echo nas altas regiões do poder.

Brinde aos Senhores Assignantes do Diario de Noticias em 1891. Este livro com que todos os annos a Empreza do *Diario de Noticias* brinda os seus assignantes, tem este anno por titulo: **Eduardo Coelho a sua vida e a sua obra, alguns factos para a historia do jornalismo portuguez contemporaneo,** por Alfredo da Cunha. Justa homenagem prestada ao benemerito jornalista.

O Estabelecimento Thermal das Caldas da Felgueira e suas aguas medicinaes — Relatorio do medico da companhia Dr. João Felício Paes do Amaral, etc. Lisboa, 1892. Um folheto de 38 pag. in-8.º, illustrado com gravuras representando o estabelecimento thermal.

Faz-se n'este relatorio a analyse das preciosas aguas da Felgueira, e apresentam-se ca-

sos clinicos da sua applicação firmados por distinctos medicos, como os srs. drs. Leonardo Torres e Manuel Bento de Sousa.

Almanach Illustrado do «OCCIDENTE»

Para 1893

Está em preparação este almanach, para o qual se recebem annuncios até 31 do corrente.

Recebem-se desde já encomendas na

Empreza do «OCCIDENTE»

Poço Novo - Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores
Rua Nova do Loureiro, 25 a 41



O MAESTRO THOMAZ BRETON

porta um acto de civismo digno de respeito, e só a corrupção que lavra por esta sociedade é que pôde achar ridiculo o que ainda podera vir a ser sublime.

Nós te saudamos, mulher do Bouro, n'esse teu ingenuo patriotismo.

João Verdades.



PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Ha crise ou não ha crise, por V. G. Lisboa, 1892. Um folheto de 29 pag. in-8.º. O auctor d'este folheto attribue a causa da crise que atravessamos á desigualdade do imposto que sobrecarrega uns e alivia outros, a ponto de haver dólo